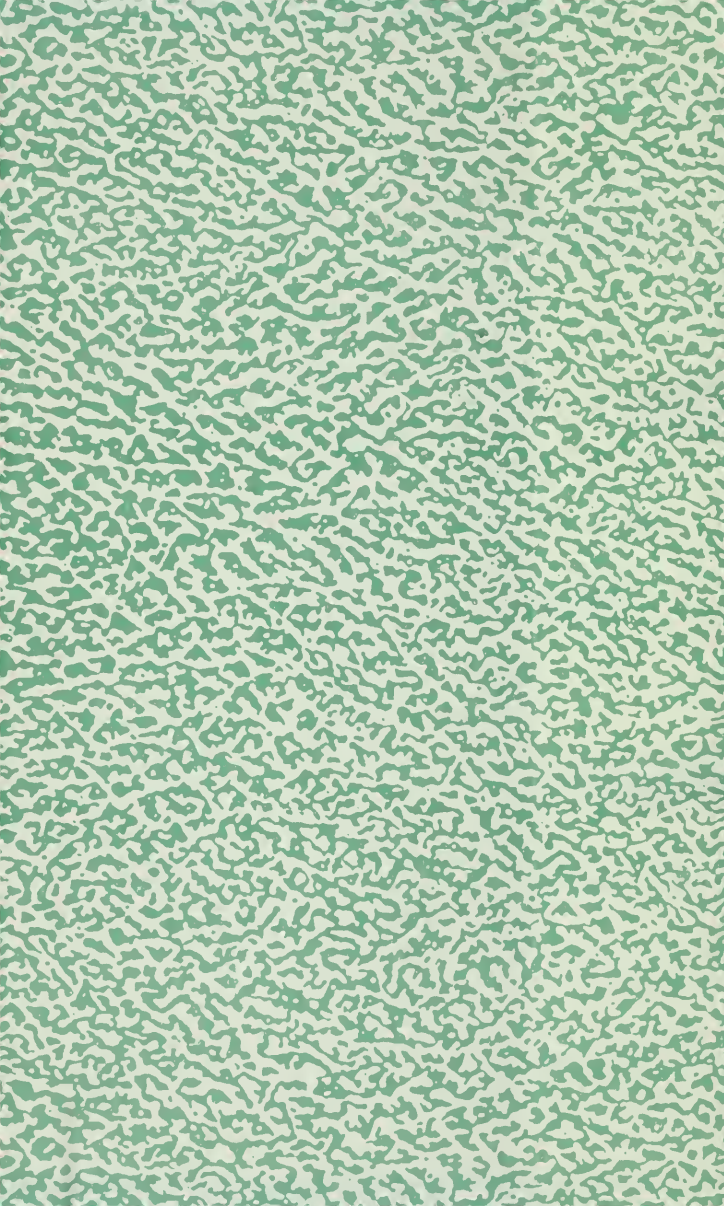
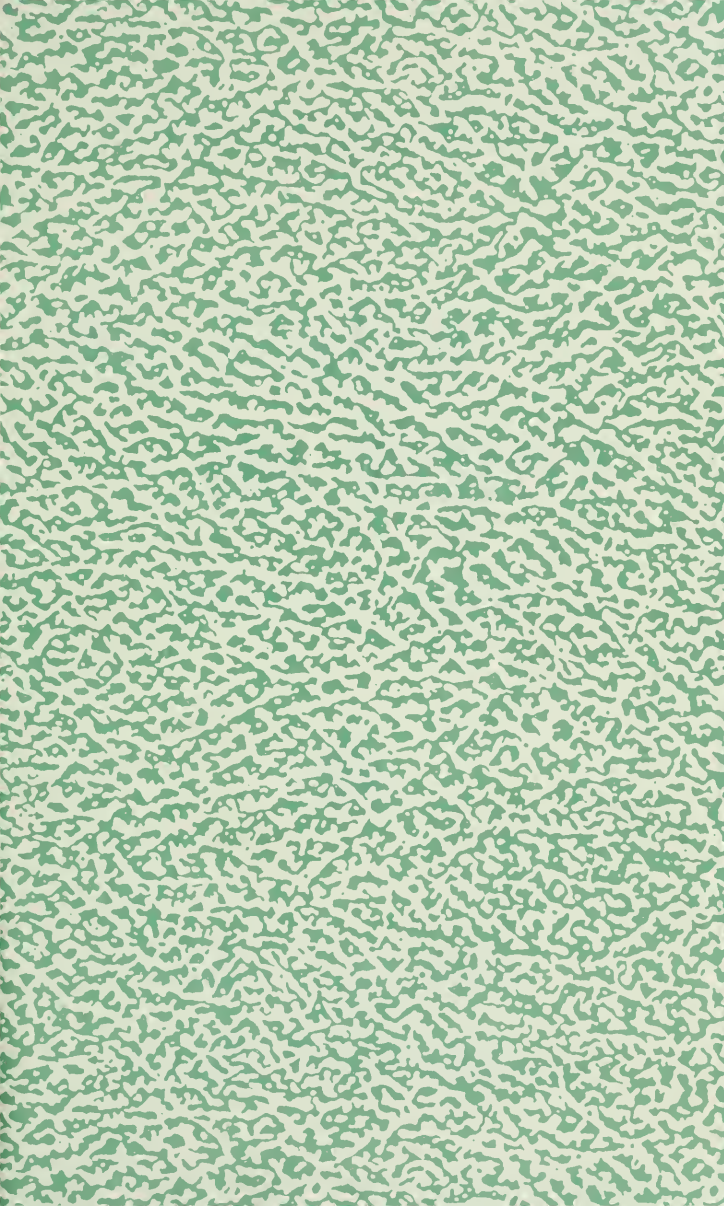




3 1761 07044976 4





J. d'AZEVEDO CASTELLO BRANCO



Ao Cahir da Fôlha

POEMAS DO OUTOMNO



Livrarias AILLAUD & BERTRAND
Paris-Lisbôa.

Livraria FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro. - São Paulo. - Bello Horizonte.

Leis em Versos

Ao Cahir
da Fôlha



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

J. d'AZEVEDO CASTELLO BRANCO



Ao Cahir da Fôlha

POEMAS DO OUTOMNO



Livrarias AILLAUD & BERTRAND

Paris-Lisbôa.

Livraria FRANCISCO ALVES

Rio de Janeiro. - São Paulo. - Bello Horizonte.



PQ

9861

C32A6

Un poète inédit dont nul ne sait les rimes
Souffre en mon cœur...

.....

Donc je veux oublier cet intime poète
Si vague et si caché que seul, hélas ! j'y crois.
Et, ce labeur usant ma souffrance inquiète,
Je rime des sonnets ingénieux et froids.

JULES LEMAITRE

A MINHA MULHER

AOS MEUS FILHOS

Aqui vos deixo um livro de saudade,
Meu unico dispôr !
E, vós, por meu amor,
Abri-o muita vez e lêde-o com piedade.
Soffrido no desterro em horas bem crueis,
E' tudo o que de mim herdar podeis !

.

A corôa de espinhos,
Que a dôr me entreteceu nos asperos caminhos
D'um morno desalento
Nas rudes convulsões da vida transitoria,
Se foi o meu castigo, o meu atroz tormento,
E' toda a minha gloria.

UMA EXPLICAÇÃO

Versos aos sessenta annos são coisa triste. Como hão de sorrir de piedade os velhos, que foram os rapazes do meu tempo, se passarem pelos olhos este corpo de delicto que lhes deve tornar suspeita a integridade funcional do meu juizo. Eu não ignoro que as Musas, como a Fortuna, costumava o forte naturalismo, de que está impregnada a mythologia pagã, materialisal-as nas formas candentes de raparigas no vigor da mocidade. E, não mentindo, como reverentemente creio, tão respeitavel theogonia, essas beneficentes deusas estão no seu posto de dignidade não dando grande trela aos velhos, com cujos verdores, em regra, não querem nada as gentes novas. E gentes femininas, *par-dessus le marché*.

Mas, se fazer versos já quasi que constitue

um peccado contra o bom senso quando feitos nas condições dos que vão n'este livro, publicá-los é uma imprudencia porque, se cahem em mãos de leitores impiedosos, o seu auctor deverá ter muita vez intimos rebates de que não estão os seus creditos em bons lençoes, pelo rubor das orelhas a arder. E será bem feito.

Comtudo eu tenho attenuantes. Este livro é especialmente offerecido áquelles amigos, muitos ou poucos — e mais poucos do que muitos — que na sua leitura possam encontrar os rastos de uma sensibilidade que não destruíram inteiramente as contrariedades da vida e a que sempre obtemperei no trato usual das minhas relações com as pessoas que me distinguem com um pouco de affecto. E' pois um testemunho de carinho que é, já agora, tambem o unico capital de que ainda me não desapossou a Republica Portuguesa áhi fundada para gloria e felicidade de nós todos.

Este testemunho não quero regateal-o áquelles que, nas horas amargas das minhas prisões e do exilio me não faltaram nunca com os seus conselhos, com os seus favores e com as boas palavras de conforto que valem tanto ou mais que os favores e os conselhos. Não foi pois rigorosamente um livro de versos, algebrados por amor da arte, o que eu quiz fazer. O que pretendi foi deixar registadas, como as senti, notações de

estados do meu espirito n'este periodo da minha vida, no qual um merecido direito ao repouso, calmo e ignorado, foi violenta e estupidamente substituido pelas agruras do exilio, pelas tristezas da prisão, pelas calumnias de uma imprensa sem vergonha, pelas denuncias de uns réles delatores e tudo para satisfação dos odios de energumenos que ainda agora não sei porque tanto mal me querem.

São versos feitos, uns, nas cadeas por onde me arrastaram e, os restantes, no exilio onde ainda estou esperando que desça sobre o meu infortunado paiz um pouco d'aquella caridade christã que mesmo a uma republica mal avinda com Deus e com a maioria dos homens não prejudicará perante a inexoravel justiça da Historia na hora do seu final julgamento. São apontamentos intimos que exteriorisei n'uma forma poetica por me parecer a mais harmonica com a indole espiritual dos conceitos e ainda por me não fiar muito na plasticidade da minha prosa para dar um aceitavel colorido a ideas que, expostas na singela frieza do alinhamento prosaico, teriam todo o aspecto de cousas banaes, ditas banalissimamente. Assim ao menos um pouco de bôa forma fallará a seu favor e a benevolencia dos leitores fará o resto para que não seja desde logo arredado o livro, á leitura das primeiras paginas.

Tambem não desconhêço que escriptores ha, tão privilegiados de uma alma poetica que a sua prosa, sem a harmonia das consonnancias, vale pelos melhores e mais rendilhados versos. Renan foi um d'elles. O seu *Hymno á Acropole* é um dos mais pateticos movimentos liricos, em prosa, que eu conhêço. Comtudo o exemplo não é de tentar quando, nas profundezas da nossa subjectividade, os sentimentos só encontram para serem traduzidos literariamente as formas rudes das serras por onde nos creámos nos primeiros annos. E essa impressão, em mim, ficou de raiz. O meu receio é que outros encontrem n'estes pobres versos um pouco d'aquella secura que faz da poesia de alguns escriptores uma indigesta e esquinuda droga que apenas o respeito devido á authoridade do nome que a subscrive deixa tragar sem protesto.

Os direitos da critica são soberanos e incontestaveis. Toda a obra que se publica e se lança no mercado pertence aos seus leitores para o exercicio franco e liberrimo de apreciação com justiça e até sem favor. Mas porque reconhêço isso é que me apresso a pôr este livro sob a salvaguarda, não da benevolencia alhea, mas dos elevados intuitos com que o escrevi e da sincera confissão de que o escrevel-o me deu as raras horas de bem estar moral de que ha muito tempo me havia privado o Dispensador

occulto d'estes intimos favores. Desde que o *senti*, nasceu, em mim, um irresistivel desejo de o escrever. Foi como se tivesse mêdo e desatasse a cantar para espantar as sombras. Só comprehenderão esta necessidade os que alguma vez tiveram pavores. Por isso tambem receio que, em terra de tanta valentia de toda a especie, raree quem, por incomprehensão das horas tristes por que passei, queira perdoar os meus versos.

Paris, Março de 1913.

AO CAHIR DA FOLHA



Preludio

FOI-SE-ME a lyra d'oiro d'outras eras,
Ao som da qual cantei da mocidade
 Os hymnos triumphaes.
Nada invejava ás lucidas espheras,
Pois na minha alma eu tinha a claridade
 Dos rutilos cristaes.

Sobre a frase thematica do amor
Fiz variações, suavissimos harpejos
 De inspiração divina;
Em maguados *nocturnos* puz a Dôr
E em *balladas* a musica dos beijos
 Trocados em surdina.

Partiram-se do fragil instrumento
As cordas, uma a uma. E' hoje assim
Inutil stradivario.
O meu cantar de agora é um lamento,
Que a illusão perdida fez de mim
Orpheu retardatario.

Bem vejo, sim, que o som da minha lyra
Só leva atraz de si mobilisada
A fragua da paixão!
Esta é a dôce Musa que me inspira,
A terna, a casta Eurídice invocada
Na minha solidão.



A Elegia do Outomno

ao CONDE DE MONSARAZ



Ao cahir da folha

Ao cahir da folha,
Nos dias outomnaes,
Vão pelo mundo lutos de tristeza.

Na alma occulta das gentes, mais e mais,
Se infiltra e se insinúa
Essa vaga anciedade,
Mixto de crença e mixto de incerteza,
Que vive dentro em nós, em nós actúa
E faz sonhar
E nos impelle
E nos conduz
Para o sereno ceo onde a verdade
Vislumbra a Eterna Luz.

Onde está elle
O nume tutelar,
O nume benfeitor,
Immarcessível seio, de onde a flux
Corram doçuras de infinito amor,
E que, se acaso existe nos espaços
Venha e nos acôlha
E nos tome em seus braços
Ao cahir da folha?

Ao cahir da folha,
Despe a terra seu manto de verdura,
Attributo gentil de uma realêza
Que apenas dura
O que dura essa ephemera belleza
De todo o ser creado.
A lhama d'esse manto, quando vélha,
Assume um tom macio e delicado
Um tom que se assimélha
Ao oiro antigo.

E quando, pelo inverno, os ventos furiosos
Rompendo todo o abrigo
Lhes vêm convulsionar os seus braços nodosos,
As arvores, sem folha, heroes gigantes nús,
Antes que vão tombar padecem o castigo
De serem flagellados
E torturados
Como se houvessem de morrer na cruz.

As chagas do seu tronco, um dõce orvalho
As dulcifica e mólha;
E n'essa immensa dôr o mundo vegetal,
Desde o salgueiro esguio ao rigido carvalho,
Soffrem d'um vago mal
Ao cahir da folha.

Ao cahir da folha,
Na orbita celeste a esphera luminosa
Afasta-se de nós e vae novos caminhos
Em busca de outra terra ou de outro ser amado,
Que, mal desperto ainda em seu capuz de arminhos,
A espera p'ra sorrir, p'ra carminar a rosa
E de lirios tecer o veo do seu noivado...

Mas, ai de nós!
Perdeu o bando alado
A sua gracil voz!

O nosso enlêvo,
Nossa alegria
Quando dizia,
Por entre o trêvo,
Os seus fervores
Ou sob os linhos
Quando fazia
Os fôfos ninhos
De pedacinhos
De varias flores.

Vae descahindo o sol. A rapida theoria
Das aves friorentas,
Das aves que se vão... e volverão um dia?
Perde-se pelo espaço.
Mal as posso enxergar nas brumas pardacentas
Voando para o calor das zonas tropicaes
D'onde não voltam mais
Se cahem de cansaço
Na vastidão dos mares.

Mensageiras da luz, levae os meus pezares
Minha illusão perdida,
As lagrimas que verto
Que tenho á vossa escôlha
N'este algido deserto
Que é hoje a minha vida,
Ao cahir da folha.

Ao cahir da folha,
No lar em que não arde o fogo da abundancia
E sorrateiramente a morte se escondeu,
Espreita a criminosa os velhos e a infancia,
A ver se os amorthalha em seu sombrio veo.

E aonde penetrou a doença, e a miseria
Gasta para viver o ultimo thesoiro,
Tem, quando cahe, a folha a vibração aerea
Do nocturno piar de algum sinistro agoiro.

O frio inverno vae chegar depressa
Dos ramos tomba a livida folhagem
Mas, antes que nos montes aparêça
A neve que embranquece
E entristece
A frigida paisagem,

Sentados pela estrada
Aos grupos os velhinhos
Curvados e tontinhos,
Na tarde iluminada,
Vigiam as creanças
Nas bemaventuranças
Da luz do sol doirada.

Fallam com fallas mansas
Dos tempos que passaram
E não regressam mais :
Recordam quanto amaram
Com suspiros e ais...
E contam indiscretos
Proezas que fizeram
Por essas terras fóra,
Quando rapazes eram,
Robustos como abétos,
Mais rijos do que agora
Os enfesados netos.

Mas, n'isto, tóca a mortos n'umá egreja :

— Quem foi que se finou?

— Talvez a pobre Amparo

Ou talvez seja

Aquelle que inda ha pouco ahi chegou

Ja tão mirrado

Da febre do Brasil,

Que logo disse o medico chamado

Ser caso muito raro

Que escape um entre mil

Ao cahir da folha.

— Que a terra seja leve a esses infelizes

E venha em breve o sol que as vidas desabrolha...

Como arvores ás quaes seccaram as raizes

Esperam p'ra dormir

O seu eterno somno

Os gelos que vão vir

Passado quando fôr o triste sol do outomno.

Ao cahir da folha,

Sinto invadir-me já a vaga somnolencia

Que precede o trespasse áquella melhor vida

Dom piedoso de um Deus que pródigo nos fez.

Depois d'examinar a minha consciencia

Aguardo sem receio a Terra Promettida...

Folhas que eu tanto amei, podeis cahir de vêz!

Dialogos Espirituaes



Peccado original

ALMA infeliz, responde : Que segrêdo
E' esse que te afflige e em ti desperta
Tamanha confusão? Que vago mêdo
Te traz em sobresalto e sempre áleria?

Qual foi maldicta estrella ou chaga aberta
Que a vida te estragou assim, tão cêdo?
Não é mais negro o ceo se a luz deserta,
Nem tanto nos amarga o fel azêdo.

— Na justiça de Deus qual foi teu crime,
Tão sem perdão que nada t'o redime
Nem mesmo amor de um Pae compadecido?...

De dentro do meu ser diz voz occulta
De alguém que nossos erros nunca indulta ;
— Meu peccado é só este... o haver nascido.





Alma captiva

REVOLTAR-ME, porquê, se nada espero
Do genio máo que rege meu destino !
A paz interior mal descortino,
E humana caridade eu não a quero !

Na pratica da dôr, no despêro
Dura licção achei ; pois n'este ensino
Com magua vi que sempre desatino
Se para alheias culpas sou sevêro.

Meus actos não são meus, são d'outro ser
Que vive occulto em nós, desconhecido,
E ao qual não ha senão que obedecer...

Alma captiva, quanto tens perdido
De illusões e fortunas por querer
Que minta o que de todos é sabido!





Lamentação

Almas tranquillias, vinde ter commigo
Dizer-me onde encontrar aquella paz
Que eu busco em vão! e quanto mais profligo
Menor a luz da Fé em mim se faz!

Vive em meu corpo um démo pertinaz,
Refece; e embora lucte, não consigo
Desprender-me da accerrima tenaz
Das sugestões do perfido inimigo.

Quando contemplo, a sós, o mundo em volta
Sinto invadir-me uma ancia de revolta
Contra quem me creou e assim me fez...

Se a todos banha a luz que a terra inunda
Porque, sómente a mim, não chega a vez
De emergir de esta névoa tão profunda?





Mysterio intimo

Repousa, coração, de todo esquece
Quanto soffreste já, maguas passadas :
Cantam no ceo as aves ás bandadas
E baila a terra a universal kermesse.

Que culpa pôde haver, que crime é esse
Sem graças, para ti, que aos mais são dadas,
Julgar, ao ver sorrir as alvoradas,
Que a luz, se vem, p'ra todos amanhece?

Talvez que alguém me visse sem desgosto
Fugir, longe do mundo ir esconder
As bagadas de pranto do meu rosto...

Mas agora, vê louco! Se quizer
Contar por que soffri, nenhum, aposto,
Nenhum de nós o póde perceber.





Fortior Morte

Ao D.^r A. EMILIO DE AZEVEDO.

Morte amiga, refugio omnipotente
Das nossas maguas, caliz em que gózo
Os balsamos da vida, dom precioso
De esse celeste amor que nunca mente :

Força que transfigura eternamente
Um ser em outro ser maravilhoso,
És o materno leite generoso
De tudo o que ao teu seio se alimente :

Depressa, vem! espero-te intranquillo
Para em teus braços, n'esse calmo asilo
Esquecer e dormir... enfim sonhar...

Talvez que um dia alguém me queira ver
E frio, alli, meu corpo, onde estiver
De novo se ha-de pôr a palpitar.





O cavalleiro errante

Como descem as neves hibernaes
Pelo dorso da terra adormecida,
Vieram os desenganos d'esta vida
E crestaram a flôr dos meus ideaes.

Na agreste e rude e ingreme subida
Deixo estratos de lagrimas e ais,
Como funebres marcos sepulchraes
Legados da minh'alma compungida.

— Meu juvenil ardor, ingénua fé
Dos meus primeiros annos, dize onde é
Que se partiu a lança milagrosa

Com que eu andei, errante cavalleiro
Em busca da Verdade luminosa,
E só Mentira achei no mundo inteiro ?





No seio da Morte

ERRANTE cavalleiro, temerario
Andador á procura da Verdade,
Essa occulta visão das trevas hade
Surgir-te enfim por traz do seu velario :

Extincta um dia a ingenua mocidade
Quando entre alheias gentes solitario
Arrastares a cruz do teu calvario
Na Via Dolorosa da saudade;

Verás que, além dos mundos, um destino,
Uma força, talvez um ser divino,
Nos promette dulcissimas venturas...

Não tremas, não, ao ver-lhe o rosto feio;
Rendida Gorgona, em seu calmo seio
Vaes encontrar enfim quanto procuras.





A voz da Esphinge

Na lybica aridez de este deserto
De fortunas que é toda a minha vida
Em sonhos vi fitar-me enternecida
Certa Esphinge de vago olhar incerto.

Noite alta, a horas mortas, fui de perto
Interrogar a Deusa adormecida :
Logrei por fim ouvir a voz sumida
Do seu labio de pedra nunca aberto.

Rebelde escuta :

— Em toda a creatura
Existe occulto um germen que a tortura :
Em uns a dôr e n'outros a ambição...

Emmudeceu a voz subtil e léve
E nunca mais depois alivios têve
No Desejo o meu pobre coração.





A voz dos mortos

Não ha lutar os homens contra a voz
Que vem de além dos tumulos mandando
Nos seus actos — o despota feroz
Que tudo traz submisso ao seu commando.

N'esta galé do culto dos avós
Vae cada geração, de quando em quando,
Em busca d'outro bem que venha apoz,
Seus torturantes élos apertando.

Os mortos mandam, sim! Dizer quem ha-de
Que as fronteiras de nossa liberdade
Começam onde acaba a propria vida!

Envolucro carnal, meu captiveiro,
Depressa, finda e solta o vôo ligeiro
A' essencia do meu ser em ti contida!





O milagre

Na gruta, junto á rocha, adonde outr'ora
O prodigio da Fé resplandeceu,
Sob a mística forma redemptôra
D'uma Virgem enviada pelo Ceo,

Oravam mãe e filha, em quanto fóra
O pôvo desvairado, n'um escarceo,
Clamava que descêsse sem demora
Alivio que estancasse o pranto seu.

— Virgem das dôres, Mãe atribulada,
Tem dó de meu soffrer, vê como aneio,
E faz que a luz dos olhos seja dada

A' minha pobre céga!... N'este em meio
Exclama a filha : — O luz abençoada,
Vejo-te já... ca dentro do meu seio!





Nutrio et extinguo

Em seu berço de artistico lavrado,
Suave ninho das rendas mais preciosas,
Dormia o filho, fructo ambicionado
De nocturnas vigalias voluptuosas.

No pequenino rosto desmaiado,
De eburnea palidez das velhas rozas,
Ja se entrevia o stygma assignalado
Das raças decadentes e mimosas.

Humidas contas d'um collar disperso,
As lagrimas da mãe ao pé do berço
Commentavam seus impios pensamentos :

— Por que ínicua justiça, Deus Eterno,
Póde um filho no seio seu materno
Haurir da morte os filtros peçonhentos?





Ode á Liberdade

O' LIBERDADE, ha quantos annos vem
Na esteira d'essa luz a nossa raça
Sem lograr attingir, por mais que faça,
Da fugitiva luz... senão desdem!

Desfeito um mundo, um outro mundo advem;
E, em cada geração que vive e passa,
Se torna cada dia mais escassa
Qualquer crença em que encerres qualquer bem!

Em teu nome, quaes crimes não tem feito
A inveja, o odio, a raiva e o despeito,
A febre inextinguivel de commando?

Mas segue, que em teu giro triumphal,
Como esse indico deus monumental,
Teu carro vae os crentes triturando.



Trilogia da Dôr

a J. MOREIRA d'ALMEIDA



I

A Dôr

DÔR, generosa Dôr, essencia pura
D'aquella alma invisivel da materia
Que sobrevive em nós, nos transfigura
D'um ser inerte em qualquer cousa ethérea :

A tua vibração subtil, desfere-a,
Que logo dentro em mim uma harpa obscura
Se apréssa a repetir a escala aérea,
Os gemidos dos ventos na planura.

Existo, porque soffro : p'ra soffrer;
Parece, creou Deus o fragil ser,
De lagrimas regou o seu cimento...

Amortalha-me bem na tua tunica,
Que, sem ti, flôr maravilhosa e unica,
Era esta vida... o maximo tormento.





II

Resignação

SOBRE mim, desmaiado no caminho,
Passou a Dôr, n'um lugubre cortejo ;
E em meu corpo não houve um bocadinho
Onde ella não cevasse o seu desejo.

Ninguém quiz accudir-me ! Apenas vejo,
Piedade ? não, alvar riso escarninho
Dos que folgam se a sorte, em seu bafejo,
Roça por nós as azas de mansinho.

Mas meu corpo alanceado, em viva chaga,
De este anilado ceo que a aurora alaga
Exhaure o bem supremo que medita.

Uma amorosa voz, não sei de d'onde
Me chama e me consola e me responde...
Bemdicta sejas tu, o Dôr bemdicta!





III

O caminho do Ceo

ESSA estrada de luz que leva ao Ceo
Eu quisera seguil-a docemente ;
Em mim — bem sei — existe alguém que sente
A magua de perder quanto perdeu.

Foi-se-me a Fé — que basta um gesto seu
Para que dentro em nós se movimente
Aquella occulta força omnipotente
Que leva a paz no aureo caduceo.

E vós, constellações de eterna luz,
Mostrae-me, se podeis, onde conduz
A doirada poeira das estrellas:

Lá, onde fôr, deixae, se Deus existe,
Nas vagas d'essa luz minh'alma triste
Banhar-se longamente dentro d'ellas.



Psalmos



PERTO de Ti, bem junto do teu seio,
N'uma gloria de luz celestial,
Quisera repousar-me d'este enleio
Das paixões em que vivo por meu mal.

Sereno hei-de subir, que o não receio,
Os degraos d'esse austero tribunal :
Pois se a desgraça é pena, então eu creio
Que tudo me remiu a dôr lustral.

E quando ao fim chegar e possa ver
Quanto me foi inutil ter vivido,
A fragil contingencia do meu ser,

Ouvirás o meu threnô, o meu gemido :
— Se as dôres são as arrhas de viver,
Mais me valera, a mim, não ter nascido!



II

EM AMBIÇÕES levei a vida inteira
Sem poder realisar-as, sempre á espera
D'um bem melhor, d'um bem que me trouxera
Eterna paz na hora derradeira.

Quanto mudado estou do que antes era
Quando seguia a luminosa esteira
D'aquella esquiva dona feiticeira
No palacio encantado da Chimera !

A Gloria, a Fé, o Amor — esse rosario
De contas irisadas, o thesoiro
Que n'alma alguem nos pôe, como um sacrario —

Tudo se foi no inglorio sorvedeiro
Em que, ha mil annos, anda o mundo vario
A ver se alcança o Velocino d'oiro.



III

BEMDICTA luz da vida, luz doirada
Por cujo influxo a morta natureza
Cada manhã desperta e vem accêsa
Dos fremitos de amor da madrugada.

De esses uberes de intima pureza,
Fonte de eterno bem nunca estancada,
Derramas sobre a terra, ó doce fada,
Teu casto e puro leite de belleza.

Na densa tréva que é o meu viver,
Apoz tão longa noite e tão escura
Que veja sobre mim tambem descer

A suave luz, que esta alma em vão procura,
Para no seio d'ella se esquecer
De quanto longa foi a desventura !



IV

NÃO SEI o que esperar ! Em cada hora
Creio e descreio. N'esta alternativa
Vou, desnortado barco que deriva
Ao capricho das ondas mar em fora.

N'esta incerteza, se desponta a aurora
De uma esperança, vaga expectativa,
Dentro em mim logo a fé se faz mais viva...
Mas vem, sorri, engana... e vae-se embora !

Desejo em vão rasgar o veo escuro
Que vela o teu destino, o teu futuro
Patria infeliz, ó minha dòce Mãe;

Mas se não pode haver um redemptor,
Onde chegar teu ultimo estertôr
Feras, deixae que eu va cahir tambem !



V

EM CADA dia a vida se escurece
E nas voltas da inquieta consciencia
A duvida se infiltra, como desce
A noite, apoz a luz, sem transparencia.

A timida razão toda estremece
Quando procuro ver, n'esta inclemencia,
Inflexivel justiça, ardente prece
Dos meus sonhos de torpida demencia.

Como em revolto mar espuma errante
Eu deixo, para traz, a todo o instante
Um dolorôso rasto de lamento...

E quando atiro aos ceos os meus gemidos
A Morte me responde : os dois unidos
Repousareis na paz do esquecimento !



VI

FELIZES os que cahem a lutar,
Cavalleiros andantes d'uma idéa,
E que, ao termo da tragica odyssea
Dormem em paz seu somno tumular.

Feliz quem nada deve e não receia
E no afavel carinho do seu lar,
Isento de paixões póde encontrar
Aquelle amor que as almas encadea !

Mas esta vida assim, que vou andando,
Sem nada me sorrir de vez em quando,
Nem sei se isto é viver, se cumpro a pena

D'algun cruel destino não sabido
Que viva dentro em mim entremetido,
Como incontricto reo n'uma gehena.



VII

NOITES brancas de mêdo e d'amargura
As noites na prisão ! emparedado,
Como um antigo reo, amortalhado,
Vivo ainda, na propria sepultura.

Desvairadas visões, na cella escura
Turbavam-me a razão e alucinado
Pedia aos ceos o dom, em alto brádo,
D'aquella eterna paz, d'eterna dura...

O meu crime ? Nenhum !

A furia apenas
D'um bando que afrontei, um bando de hyenas
A fariscar na tréva as podridões...

Antes fosse eu viver uma outra vida,
Que ficar n'esta terra adormecida
No seu leito de miseras paixões.



VIII

RAIO da luz divina vem depressa
E que a minha alma triste, angustiada
Ressurja ainda, emfim se desvanêça
A nuvem em que vive amortalhada.

Pequei ? Talvez ! Quem ha que não esqueça
Alhea culpa, quando confessada ?
Onde ha contricto reo que só merêça
Da justiça divina... nada, nada !

Ha longos dias eu em vão procuro
Quem me arranque do seio a veio escuro
D'esta mortal tristeza em que me afundo...

Se nada póde haver que me conforte
Bemvinda sejas tu, ó dôce Morte,
Que vens a libertar-me d'este mundo !



IX

NA DERROTA em que deu a minha vida
Já deixo para traz os companheiros
Da juventude, alegres caminheiros
Destemidos na rude e ingrata lida.

Mal vejo termo á ingreme subida
Que nos leva aos mortaes despenhadeiros...
Sou eu e poucos mais os derradeiros
De velha guarda morta e não rendida.

Onde estão as douradas phantasias,
O combativo ardor da mocidade,
A ardente fé dos meus primeiros dias ?

Ah ! tudo se sumiu no pó a que ha-de
Tudo volver depois que a humanidade
Tiver, como eu, perdido as energias.



X

QUERIDA Patria minha a que destinos
Impiedosos te vejo condemnada !
Foi-se depressa a luz d'essa alvorada,
Sóa a dobres a música dos hymnos.

Por que sorte cruel ou peregrinos
Propositos d'alguma extranha fada
Ninguem ha que te dê um todonada
De esse amor dispensado aos pequeninos ?

Bem sei que te turbaram a rasão
Com promessas, que todas ellas vão
A um mundo de fortunas nunca visto.

Mas levanta-te Lazaro, ressurge
E empunha já, que o tempo aperta e urge,
Com rija mão o látigo de Christo.



XI

SOPRA no mundo um vento que enlouquece
E que desvaira a pobre humanidade :
Deserta o lar e não recolhe a messe,
P'ra ir atraz de nova idealidade.

Desfeito um sonho, um outro sonho invade,
E n'esta pertinacia audaz, refêce
N' uma illusão, em busca da egualdade,
Vae, vae, caminha até que desfallece.

Foram-se os deuses já : e no sanctuario,
Que a fé illuminou do mundo antigo,
Emmudeceu o echo solitario.

Ó Justiça emanente, eu te bendigo,
Quando, ao termo do lugubre fadario,
A Morte vem p'ra nos levar comsigo.



XII

Na entorpecida terra a repousar
Dormem occultos germens como á espera
Que a dôce luz de um sol de primavera
Os venha despertar.

São como a luz astral as más paixões
Que fazem fermentar a vasa immunda
A vasa que envenena as multidões...

E só depois que afunda,
Regressa a paz aos nossos corações
E o seio da Justiça então fecunda...

POEMAS MINUSCULOS



I

A Visão do tempo

a meus IRMÃOS



A visão do tempo.

HA quanto tempo foi!
Um negro vulto
D'esfumados contornos, quasi occulto
Nas brumas do poente,
Vi para mim de longe caminhar.

Andava de vagar;
Vinha pausadamente,
Parando no intervallo;
Cada passo que dava
Levava
Um anno inteiro a dal-o.

Pouco depois, ao meio da viagem
— Sonho talvez, talvez uma miragem
Dos meus olhos absortos — a figura
Avultava, crescia-lhe a estatura;
Debuxaram-se as formas imprecisas
Quando transpoz as ultimas divisas,
Além das quaes apenas ha o fumo
Do vago em que me perco e me consumo,
A ver se surprehendo outros segrêdos...

Tremiam dentro em mim uns vagos mêdos
D'achar-me com a sombra frente a frente :
Mas vendo-a vir assim tão lentamente,
Enchi-me de coragem
E ponho-me a fitar a extranha imagem...

Vinha estugando o passo :
Pelo desembaraço
A pressa era maior.

Pressa de quem de longe avista o lar,
Onde o espera o lume acolhedor,
E arde por chegar
A' luz familiar
Que o seio nos aquêce e nos degélla :

A's vezes me parece,
— Talvez engano meu ou brilho d'ella
Que os olhos me escurêça —
Essa visão retardada ou esmorece...
Talvez fosse eu que andasse mais depressa!...

Então reparo; insisto;
Não é um ser que eu já não tenha visto.
Mas, onde, não sabia :
E quanto mais andava
Mais se me afigurava
O tê-la visto un dia !

Perto de mim parou o extranho ser;
E tão junto que mal o posso ver
Envolto, como está, n'um pesadêlo :
Fito-o : fita-me. Cuido conhecê-lo;
As imprecisas formas são agora
A sombra de mim mesmo, o que eu já fôra,
A mesma palidez e abatimento,
O mesmo vago olhar de quando atento
Nas cousas d'outro mundo que não vejo,
Por que suspiro em vão, em vão desejo...

Tomou-me para si e n'esse estreito
Amplexo vi — não foram illusões ! —
Que se fundiam, dentro d'um só peito,
N'um só pulsar, os nossos corações.

Estarreci de mêdo,
Quiz fugir e não pude.
Não é mais mudo e quêdo
Um morto no attauíde
Nem mais petrificado
Do que eu quando me vi
Alli...
Commigo, lado a lado !

.

E quando pude enfim o animo acalmar,
Meus braços desprender de aquelle estreito abraço,
O negro vulto então, de lento caminhar,
Em pó se esvaeceu perdendo-se no espaço.

A sombra que de longe eu vira aparecer
Era a illusão de quem, na rapida passagem,
A sarabanda vê das arvores correr
Em louco desvario ao longo da paisagem.

Eu, só eu, atravez a minha vida inteira
Levára a caminhar atraz d'essa visão,
Que me espreitava a mim, a impia feiticeira.
Para cobrir de neve a ultima illusão.

O vulto que entrevira a minha tenra infancia,
Quando me desprendi nos ultimos arrancos,
Pude então ver, desfeito o fumo da distancia...
Era o que eu hoje sou, com meus cabellos brancos.

POEMAS MINUSCULOS



II

No Jardim de Margarida

A' Senhora

D. AMALIA BITTENCOURT



CANTO PRIMEIRO

Encantamento

Ao pequeno jardim, que enfeitiçou
D'encantamento o Espirito do Mal,
Trouxe o luar, apenas assomou,
Um vago tom de noite boreal.

Dormem no lago — espelho de cristal
Onde o ceo tanta vez se narcisou —
Nenupháres seu somno vegetal...
Bailam sylphos a musica do vôo.

Entre as flores, no quadro da janella,
Aponta alguém que busca alguma estrêlla
No grande ceo profundamente azul.

E' ella, a ingenua, a loura Margarida
Que vem dizer á lua, enternecida,
A maguáda canção do Rei de Thule.





CANTO SEGUNDO

A canção do Rei de Thule

Houve um rei em Thule um dia,
Ao seu amor tão constante,
Que, ao morrer, lhe deu a amante
O copo por que bebia.

Era d'ouro cinzelado :
Sempre que n'elle bebeu,
Um dôce pranto correu
Sobre o seu peito alquebrado.

Perto da morte, o thesoiro :
As terras, villas, dinheiro,
Tudo deu ao seu herdeiro...
Só não deu o copo d'oiro.

Congregou seus velhos pares
Em torno da regia mêza
Na torre, cuja grandêza
Banhavam ondas dos mares.

P'ra despedir-se do mundo,
Ainda um gole tomou :
E o copo d'oiro lançou
A's vagas do mar profundo.

Quando viu as espiraes
Das agoas que o copo fez,
Seus olhos cerrou de vez...
E não bebeu nunca mais !

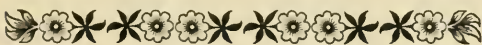
Assim cantou a ingenua camponeza !
E quanto mais cantava,
Mais a triste scismava
N'esse gentil senhor que na devêza,

Para levarem juntos a jornada,
O braço lhe offereceu;
E o que ella respondeu
Rubra, de envergonhada...

.

Ah! dizei-lhe, soes do espaço,
Que só por mim eu não posso,
Se sabeis quem foi o moço
Que lhe quiz dar o seu braço!...





CANTO TERCEIRO

Ingenuo Extase

GUARDO escondido, dentro do meu peito,
O thesoiro em que puz um grande empenho;
E tanto elle é, que tremo seja estreito
Ou mal seguro o cofre onde o contenho.

Nunca outro vi, nem cuido tenham feito
Joia mais rica, com melhor desenho
Do que esta, em cuja vista me deleito
O dia inteiro... e n'isso me entretenho.

E' tudo o que possuo : e, se o perdêsse,
Não sei de cousa alguma que podesse
Occupar o logar que elle occupára...

Mas Deus vos abençoe, meu bom senhor,
Que fostes na minha alma o creador
D'um bem que, antes d'amar-vos, não sonhára.





CANTO QUARTO

*Margarida, absorta na sua dôr pelo
abandono do amante, em quanto dis-
trahida faz mover a roda de fiar,
canta maguadamente :*

Nenia

ADEUS! meus dias de paz,
Chimeras d'amor perfeito,
Meu coração se desfaz
Contra as paredes do peito.

Não ha de nós quem se importe,
Quando a vida é noite escura :
Bebi os filtros da morte
Pelo calix da amargura.

Ligeira roda,
Fia depréssa;
Não se esmorêça
Minh'alma toda,
Que mal descança
Na amarga dôr,
Sem que aparêça
Qualquer esperança
Ao meu amor!

Aonde estão que não vejo
Seus olhos negros d'amora?
Aquella bôcca, onde um beijo
Tem mais luz que a luz d'aurora,

Mais delicado perfume
Que o nardo no seu jardim,
E tudo quanto resume
Venturas dentro de mim.

Ligeira roda,
Fia depréssa;
Não se esmoreça
Minh'alma toda,
Que mal descança,
Na amarga dôr,
Sem que aparêça
Qualquer esperança
Ao meu amor!

Vem, meu senhor, e derrama
Com tua palavra d'oiro
N'este peito aquella chama
Que espanca as sombras do agoiro;

Agoiro de quem não vê
Nada, nada que desponte,
Melhor graça, outra mercê,
Nas brumas do horisonte.

Ligeira roda
Fia depréssa;
Não se esmoreça
Minh'alma toda,
Que mal descança,
Na amarga dôr,
Sem que aparêça
Qualquer esperança
Ao meu amor !

Ferve-me dentro do seio
Um tão vehemente desejo,
Que esta paixão, quando veio,
Toda tremôr, toda pejo,

E' hoje n'esta saudade
Mais cruel e mais violenta
Do que a onda, quando invade
A terra com a tormenta.

Ligeira roda,
Fia depréssa;
Não se esmoreça
Minh'alma toda,
Que mal descança
Na amarga dôr,
Sem que appareça
Qualquer esperança
Ao meu amor!

Ainda mais uma vez :
Adeus suspiros e ais!
Meu coração se desfez,
Não pulsará nunca mais!

Meu coração, de cansaço,
Leva outro rumo outro norte,
E vae chegar ao regaço,
Aos braços frios da morte!

Ligeira roda
Fiou depréssa!
Bom é que esqueça
Minh'alma toda
Que mal descança
Da amarga dôr!
Não lhe amanhece
Outra esperança,
Nem aparece
Seu lindo amor...
Já se perdeu,
De todo andou,
Para outro ceo
Com que sonhou!





CANTO QUINTO

Na Prisão.

A Expição

NA TRAÇA que lhe armou o dôce encanto
Do seu primeiro amor, ficou perdida
Aquella interna paz que vale tanto,
Ou mais, do que nos vale a propria vida.

Perdeu-se aquelle escudo heroico e santo
Com que a virtude marcha protegida
Contra a paixão malefica, o quebranto
Do espirito que os outros entimida.

E, louca, vae cantando as suas maguas
Ao compasso monótono das aguas,
Onde enterrou o fructo do peccado.....

.
Amor! fonte da vida, amor sublime!
Se ao termo d'esse gôzo está o crime,
Maldicto sejas tu, amor damnado!



POEMAS MINUSCULOS



III

Revoltas Biblicas



Cain.

ERAM, os dois, irmãos : de genio oposto :
Um carinhoso e bom e diligente ;
Na melica doçura do seu rosto
Tinha a graça que as almas prende á gente.

Soturno, o outro ; dissimula ; mente
E desde manhã cedo até sol posto
Erra, vaguea, entregue unicamente
A' fixidez d'um intimo desgosto :

No monte, um dia, quando, á sós, os dois,
Louco de inveja o bom irmão trucida...
E volta, calmo, para o lar depois...

Como se fôra aguda espada ou lança,
A maldição de Deus, do céu cahida,
De sorte foi que nunca mais descança !





Babel.

RAIVOSOS porque Deus lhes não ouvia
Seus queixumes e os impios escarceos,
Foram os homens construir um dia
Torre tão alta que escallasse os ceos.

Vieram povos. E, todos á porfia,
Os bons, os maus e os torpes phariseus,
Quizeram ver qual mais depressa via
Onde rebrilha o esplendor de Deus.

Foram ao cimo de uma aguda serra
A torre erguer, que dominasse a terra,
A terra, o mar e os mundos sideraes...

Furioso o Ceo com tão ousado abuso
Os confundiu, que n'um fallar confuso,
Nunca, entre si, se concertaram mais.





Sodhoma.

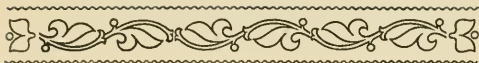
Foi na margem d'um mar espêsso e quente
Onde assentava então impia cidade,
Que viu chover o homem, de repente,
Fogo do Ceo, que logo a terra invade.

Pavido, aos gritos, sem saber como ha-de
Fugir á lava, ao negro pez candente,
Corre, trépa, desvaira d'anciedade,
Apostrophando Deus como um demente...

Extincto o fogo e tudo consummado,
Restam, onde era immenso povoado,
Montes calvos, estereis as campinas...

São luz do inferno lubricos desejos :
Quando nos cretam chamas dos seus bejos,
Dentro em nós deixam tragicas ruinas.





Lazaro.

Porque me tiraste, Espirito celeste,
Do lençol de morte, d'essa valla escura,
Se o divino olhar que sobre mim descêste,
Tinha de perder a luz serena e pura?

Pouco vale a vida e menos inda dura
Em tão fragil carne transitoria, este
Incoercível sonho, esta ideal ventura
Que desvaira os homens, desde que os fizeste.

Quanto inutil é o padecer na Cruz
Por amor de nós, se a todos nos seduz,
Mais que duro bem, prazer que o mal encerra...

Oleiro infeliz, amassa novamente
Barro creador... porque eu impenitente
Volto a apodrecer na negra paz da terra.





O Blasphemo.

ENTUFADO de orgulho contra tudo,
Que lhe afrontava a estolida altivez,
Tomou da lança o homem e do escudo
E foi-se, ufano, em seu luzido arnez.

Chegado ao Ceo, bateu. Silencio mudo...
Nem viv'alma... Bateu segunda vez.
Então macia voz, como o velludo,
Interrogou :

— Que genio mau te fez

Partir em guerra contra Mim, sem medo,
Andador que não temes o degredo
De esses rebeldes que expulsei dos ceos ?...

— Ó implacavel Pae, que nada amansa,
P'ra que é que me arrancaste a esperança
De ser na terra o que tu és — um Deus ?





O Castigo de Deus.

Escutou no seu throno o Omnipotente
A blasphemia e disse assim maguado :
— Nenhum castigo foi assaz potente
Nem efficaz perdão do teu peccado.

Ha no fundo de todo o ser creado
Invisivel essencia, alma latente :
A vã materia é só fragil recado
Do eterno ser que vive eternamente.

Vae, procura-a nos mundos da sciencia,
Ou se a ouves na propria consciência,
Esse é o Verbo da unica Verdade !...

E em quanto vão na lucta secular
Lidando os homens... Deus, em seu altar,
Ri, ri, ri... de tão grande ingenuidade.



Nocturnos... em dó maior



A ALBERTO MONSARAZ

VÊM não sei de onde extranhas melodias,
Arpejos de indisivel soffrimento,
A recordar venturas fugidias
Que são na vida um rapido momento
E passam como um som ...

Quanto eu lamento
Não vejas, alma triste, o que antes via ;
N'esse placido azul do firmamento !

Por ti cantava a voz das cotovias,
Bailava cada estrella a lucillar.
E tinha a lua a graça singular
Branca e fria de uma hostia de marfim.

Sumiu-se a luz do ceo ! Apenas ouço
Queixumes de essa dôr que habita em mim
Gemidos só, pois nem chorar já posso.





AO D^r LEÃO VELLOZO.

EM BAIXO o mar, revoltado, desvairado,
Atira á praia, em uivos de procella,
As lastimas das agoas, em quanto ella,
A Lua, afaga o louco enamorado.

Ao longe mais, nos montes que desvela
Eterna primavera, o bando alado,
Na morbidez d'um ceo todo estrellado,
Suspira madrigaes a cada estrêlla.

Sóbe da terra, como d'um altar
O incenso dos perfumes ; e pelo ar
Andam canções de musicas divinas...

Mas adentro do peito eu só escuto
Os psalmos doloridos do meu luto,
Vozes que vêm do fundo das ruínas.





Ao D^r EDMUNDO BITTENCOURT.

ALLONGA pelo valle a noite escura
As sombras proctectôras do seu manto;
E n'um terrôr que tudo transfigura
Esconde a terra o seu formal encanto.

Esbate-se esfumada a ossatura
Cyclopica das rochas : entretanto,
Na modôrra, da rigida armadura
Surgem aparições de um negro espanto.

Sob a bistrada cupula celeste
Dorme a Lua, que um denso veo reveste,
Nos misterios da chimica da vida...

E na nocturna dôr que tudo invade
Esvoaçam uns queixumes d'anciedade
De quem não viu a Terra Promettida.





A Cathedral morta.

Ao Dr JULIO DE MESQUITA :

Na NOITE escura, vista de surpresa,
Em projecção no fundo azul do ceo,
A egreja tem a lugubre tristeza
D'um negro mausoleo.

Na agulha do lavrado corucho,
Com tal lavor que faz
Lembrar á gente as rendas de Veneza,
Um artista piedoso a Cruz ergueu,
O symbolo da paz,
Do universal amor.

Em curvas caprichosas
Volteam ao redor
Aves que soltam ais e dão gemidos :
E na amplidão das naves silenciosas
Se escuto, julgo ouvir cantos sumidos
E vozes lamentosas,
Hymnos de hontem, em threnos convertidos.

Almas errantes, almas do passado
Vagueam no misterio e no segrêdo
Da immensa Cathedral :
Em cada pedra existe bem marcado
Rasto de quem andou n'esse degrêdo
A suplicar perdão p'ró mal que fez ;
E n'um suplicio tal,
Peor do que se fosse condemnado
A perecer de vez
Em peccado mortal.

.

Emmudeceu a solitaria egreja
Que a antiga fé arrefeceu nas almas !
E n'essa nave triste,
N'essas trevas calmas,
Findou, já não existe
Dos velhos deuses nem um só que seja !



A Noite

Versão paraphrastica de E. VERHAEREN

DEPOIS que o valle immenso escureceu,
Com gigantescos blocos taciturnos
A sombra faz uns muralhões nocturnos
De envolto Escurial de argenteo veo.

Astros brilham num ceo prodigioso,
Negro e oiro, com mil fulgurações...
Sobem da terra, em tragicas visões
Os troncos nós de um bosque silencioso.

Branços lençoes de morte, nas planuras
Agoas dormem, picadas das estrellas.
E, pela aldea, as casas são ao vél-as
Na densa treva, negras sepulturas.

Com essa sombra espessa e quasi informe
A noite tem o aspecto aterrador
De um palacio povoado de terror
Onde ao cahir do dia a Morte dorme.



Manchas



Os Emigrantes

SOBE, aos grupos, um rancho d'emigrantes
Pela encosta do monte pardacento :

Vão a cantar;
Não é, como era d'antes,
Um exodo do lar
Com kiries de lamento.

Fogem á terra má
E á procura de novas esperanças
— Onde é que não as ha? —
Vão os velhos, os novos e as creanças.

Vozes errantes
D'outros descantes
Não podem lá chegar !
Passam no ar
Levadas pelo vento
Que traz consigo aquelle esquecimmento
Das nossas cousas quando estão distantes.

E nas aldêas,
Hoje tão fêas,
Onde reverdescia
A vinha posta em geios pela serra
Vae
Uma agonia
Essa arida tristeza das arêas...
Parece haver passado um furacão de guerra!

Ai!
Patria, eu não te queria,
Tornada dia a dia,
Da adusta Palestina a desolada terra !



Aquella branca ermida.

A' Senhora D. C. VALLE-FLOR.

Eu vejo-te d'aqui, ó branca ermida,
Millenario padrão, que ainda duras,
Dos tempos em que ingenuas creaturas
Tinham na Fé consolos de esta vida.

D'esse escalvado cêrro, onde perdida
Estás exposta aos ventos das alturas,
Tens visto desfilar legiões obscuras
De fantasmas em rapida corrida.

São Walkirias da Morte inexoravel
Que passam e n'esse impeto indomavel
Todos volvem aos lódos d'onde vieram...

O' minha branca ermida solitaria
Serás ainda a stela funeraria
Do Deus de amor que os homens esqueceram





Sisypho.

Ao D.^r LUIZ DE MAGALHÃES.

No desejo d'um bem nunca attingido
Vae o Sisypho humano o seu tormento
Rolando sem cessar, sem um gemido,
Ha seculos sem fim de sofrimento.

Mostra no vago olhar indefinido
Aquelle mesmo horror que experimento
Quando o sol em que puz o meu sentido
Se esconde e se não vê no firmamento.

Novos cultos creou e novas glorias
Na esteira de miragens illusorias
Que quanto mais buscava menos via.

Mas no apuro de cada rebeldia
Acha, desfeito o fumo das victorias,
O mesmo Deus e a mesma Tyrania.





Em Lourdes.

Eu não discuto, não! Porque? Quem hade
Arrancar aos que soffrem o calmante
Dos consolos de ardente e sã piedade,
Que bem melhor não sei que mais me encante?

Mas receio que venha inda distante,
— Tão grande eu vejo sera anciedade —
O prodigio que um pòvo delirante
Pede, em gritos, lhe mande a Divindade.

Vim, como os mais também á romaria,
Trazer-te, Mãe de Deus, a magra offerta
De esperança... bem pouca em mim vivia.

Minha razão se turba e está incerta...
Se têm de vir, que venha essa acalmia,
P'ra ver se a luz da Fé se me desperta.





Aquella velha aldêa.

AQUELLA velha aldêa onde eu nasci,
Rude torrão de rudes lavradores,
Foi sempre o meu encanto, os meus amores,
Tamanha graça n'ella me sorri!

Comtudo, quando, ha pouco, estive ali
Notei extranhas coisas, uns rumores
D'innovações... nem já dos caçadores
Pela serra coelheira o brado ouvi...

Está deserto e frio o presbiterio ;
Alguem, com novas leis, lá da cidade
Mandou que se fechasse o ministerio

Amoravel da paz, da caridade...
Velhas aldêas, sois o cemiterio
Onde jaz nossa alegre mocidade.





Germinal.

Ao D^e E. CORREA DE BARROS.

POR toda a parte, em volta, a natureza,
Desfeito já seu algido torpor,
Desperta para o cantico de amor
Universal em honra da Bellêza.

Bebe a terra da rutila pureza
De um ceo d'abril o efluvio creador
E, grata mãe, nos dá aberta em flôr
A prole que no seio trouxe prêsa.

Cantam os ventos hymnos triumphaes;
E as aves vão nas franças dos pinheiros
Dialogando seus ternos madrigaes...

Emquanto o homem leva, sem parar,
Pela encosta dos ingremes outeiros,
A cruz do seu martyrio secular.





O vulcão extincto.

Ao DR. W. DE LIMA.

Perto de mim na curva do nascente,
Como um fossil que ali adormecêra,
Ficava um morro enorme, uma cratera
De vulcão que se apaga lentamente.

Seus flancos nós não sei que lh'os sustente
Matto maninho ou braço forte de hera
Reverdescida ao sol da primavera
Que as neves funda e as urzes dessedente.

Com rancos surdos de uma dôr estranha
Da escancarada bocca da montanha
Sahe[m] flocos de fumo ennovellados...

O' magestosos montes de granito,
No arrefecido mundo em que eu habito,
Sois d'outras vidas tombos congelados.





O Pinheiro Manso.

N'AQUELLE morro nú d'antes havia
Um formoso pinheiro bem copado :
Era antigo, ninguem dizer sabia
Ha quantos annos fora semeado.

Exposto, a vigiar como um soldado,
A' forte chuva, á rude ventania
Dir-se-hia ser o templo consagrado,
Onde o celtico culto se fazia.

N'uma noite de negro temporal
De pedra, n'uma noite de janeiro,
Veio abaixo o gigante vegetal...

Vejo lá hoje em vez de outro pinheiro
Um janota *chalet* de pedra e cal,
Esthetica invenção d'um brasileiro.



Veteris vestigia Flammae



Na morte de Maria.

Ao DR. M. CASAL RIBEIRO.

Pobre Maria, bem quizera ser
Perto de ti, levar á sepultura
Teu tão fransino corpo de mulher
Que nem sei onde coube a desventura!

Minha razão incerta em vão procura
Quem poudé, após doirado rosiclér,
Manhã d'abril, tornar-te noite escura
Mal ia a luz do sol a apparecer!

Não te ouviremos mais, não mais verei
O nymbo d'essa trança, oiro de lei,
A tua gracil forma donairosa...

Ou só talvez, um dia, quando fôr
Que ressurjas da terra, feita flôr,
Te possa ver em petalas de rosa.





Morro... de não morrer.

Formoso sonho ! Quem não tem sonhado ?
— Depressa andou: foi nuvem de verão ! —
Viver onde ella está, sempre ao seu lado
Unidos como eu sei que os anjos sãc.

Passar o tempo a ouvir-lhe destumbrado
A musica da voz, essa canção
Que me transporta ao viridente prado
Que minha alma entrevê... e os olhos, não !

Mas foi-se a visão linda e nada avança
Depois que se esvahiou essa esperança
Contar o que tem sido o meu soffrer...

Ó Virgem, cujo tragico martyrio
Os tristes reconforta em seu delirio,
Eu morro, como tu, de não morrer !





Metempsychose.

Non omnis moriar.

HORACIO — Odes.

Quando chegar a lugubre ceifeira
E meu inerte corpo repousar
Para sempre na terra hospitaleira.
Volvendo errante filho ao patrio lar :

Quando ninguém houver, ou já não queira
O mundo dos ingratos recordar
O bem que fiz, a graça prazenteira
Do meu perdão — tamanho é este azar!

Talvez tambem tu passes distrahida
E pises sem saber a sepultura
Onde o meu pó fecunda uma outra vida :

Mas repara e verás que ainda dura
Em outros seres de alma dolorida
Esse amor que fez minha a Desventura.





Cinzas.

Se o seu empedernido coração
De todo não morreu para a piedade,
Ah! talvez sinta, embora não lhe agrade,
A magua do que fui, do que hoje são

Meus dias. Não é que essa compaixão
Faça esquecer-me a sua crueldade,
Pois mais me doeria a caridade
Que ter de novo a dôr que eu tive então.

Não vá ninguém julgar, por ter lembrado
Antigas cousas, hoje sem sentido,
Quero reatar os laços do passado...

Muito outro sou agora do que hei sido.
O meu tormento foi : haver sonhado,
O meu orgulho é : ter esquecido.





Adeus.

Vae, filho, vae ! Não voltes para traz
Os olhos de saudosos ! O castigo
De Loth não foi sómente um caso antigo
Da colera divina. Encontrarás

Proveitosa licção e que perigo
Ha em ser obstinado, o mal que faz
Ater-se a gente ás cousas más
Com que nos tenta o perfido Inimigo.

Viver é aspirar : é pôr a vista
N'um bem melhor, n'um bem que nos assista
Com fé e dê coragem, n'esses dias

Amargos por que a vida se reparte...
Não olhes para traz, que, em toda a parte,
A treva tem manhãs d'alleluías.



Ultimo Canto



Ultimo Canto.

MEUS cantos de saudade, adeus, adeus!
Aves de luto, em busca de outros ceos
Voae, correi depressa, onde a alegria
Cada manhã desperte uma harmonia
E choreas de vozes juvenis
Cantem glorias aos calidos Abris
Quando floresce a natureza inteira.

Irei subindo a ingreme ladeira
De um destino confuso, cujo termo
Mal entrevê o meu animo enfermo
Com terror, sem que nada me adiante
Atirar meu queixume soluçante
Ao soberano Deus e tão adverso
Que me fadou assim, logo no berço.

Olhando para traz na minha vida,
A duvida cruel, indefinida
Me vem : Porque nasci ? qual meu destino
N'este mundo, onde apenas descortino
Nos longinquos confins da consciencia
Escravidão, passiva obediencia
As vozes que nos fallam de outros mundos ?

Julgo viver nos concavos profundos
De um mar onde não chega a luz do sol.
Não vejo, ou não sei ver, o arreból
De esses dias triumphaes que Deus dispensa
A toda a creatura, n'essa immensa
Justiça do seu ser, todo perdão
E todo amor ! Assim meus dias são

Um rosario de contas sem valôr
Que alguém depoz nas mãos de um contador
Que, hora a hora, m'as vae a mim contando,
Sem nada o perturbar, nem mesmo quando
Gritos de dôr arranco de este peito,
Ao ver pulverisado, ao ver desfeito
Meu sonho que sonhara de venturas.

Em vão interroguei vozes obscuras
Que, dentro em nós, nos fallam tanta vez,
E lhes disse ; porque é que Deus me fez
A' sua similhança, se n'esta alma
Jamais vislumbra luz serena e calma
E tenho de viver eternamente
N'esta vesania, assim, como um démente,

Aos tombos do destino, a vida fóra
Sempre espreitando a ver se chega a hora
D'entrar áquella Terra Prometida
Onde repouse e encontre uma guarida
Que, sem ella, não sei dizer quem ha-de
Calar em nossa bôcca a impiedade?

N'esta arena da carne, como fêras,
Mau grado leis de Deus, as mais severas,
Luctam os homens : vão-se devorando
N'esse instincto brutal e execrando
Que vive em nós, deposito ancestral,
Amargo fructo da arvore do mal
Onde nasce a rajada flor do crime.

O ser que o Ceo julgára enfim sublime
Remate da sua obra creadôra,
Vitalizado o barro, quando fôra
Rever-se o Deus na sua creatura,
Um supremo desgosto, então tortura
E entenebrece o Espirito Celeste...

Era perfeita a forma que o reveste;
O envolucro carnal é maravilha!
Nunca essa luz do sol que tanto brilha
Assim illuminou maior prodigio!
Um remorso, porém, parece, afflige-o,
A obra sua, á sua similhança,
Depois de feita a qual o Deus descança,
Quando a mirou n'um seu olhar absorto,
Era um informe monstro, um triste aborto
O fracasso final do seu Creador!...

Todas as más paixões são attributo
Do coração humano, devoluto
De respeito do bem e da justiça.

A inveja que não medra, a vil cobiça
Que é como fôgo lento que devora
O corpo pouco a pouco e em cada hora
Se faz mais exigente e imperativo

A luxuria, de que, uma vez captivo,
O homen, dentro d'esse captiveiro,
Por mais que sisme e pense o dia inteiro
Nos modos de soltar o seu grilhão
Nunca, nunca, insaciavel coração
Se fartou e se inunda de prazer...
Pois que é supremo gozo, o padecer!

Que poderia em mundo similhante,
Por onde andei, fazer esta alma errante
Ao arbitrio da sorte caprichosa
Se teve a vida ephemera da rosa
A fugidia mocidade, quando
Em rutila alvorada, ia cantando
Meus canticos de amor e de esperança?

Desfez-se em chôro o Arco da Alliança,
A ponte entre o que eu fui e o meu futuro.
Em seu logar ficou o veo escuro
Da negra cerração em que me abrigo.
E quando me consulto á sós commigo
Receio ver chegar, que eu já a sinto :
A revolta animal do meu instincto.
.

Ao termo quasi de esta esteril vida
Eu inda vejo a estrada percorrida
Com meus olhos de lastima e saudade.
Quem me déra volver áquella idade
Em que ia o bem e o mal de braço dado
N'um ingenuo convívio, lado a lado,
Aprendendo a lição da experiencia...

Meus cantos do passado, adeus, adeus!
Voae, que eu vou em busca d'outros ceos
Onde brilhem estrellas d'outra luz.
Meu peito é um sacrario, aonde puz
A hostia consagrada, um novo amor,
Tormento tanta vez consolador,
Quando a illusão perdida mostra emfim
Como tudo é ephemero...

Por mim
Cá vou subindo a ingreme ladeira,
Até que chegue á terra hospitaleira
Onde afinal repouse a minha dôr
No teu perdão, meu Pae e meu Senhor!

Paris, 1913.

FIM

INDICE

	Pags.
A minha mulher e aos meus filhos. .	7
Uma explicação	11
Ao cahir da folha.	17
Preludio.	19
A elegia do outomno.	21
Ao cahir da folha.	23
Dialogos espirituaes.	29
Peccado original.	31
Alma captiva.	33
Lamentação.	35
Mysterio intimo.	37
Fortior morte	39
O cavalleiro errante	41
No seio da morte	43
A voz da Esphinge.	45
A voz dos mortos	47

	Pags.
O milagre.	49
Nutrio et extinguo	51
Ode á liberdade	53
Trilogia da dôr.	55
A dôr	57
Resignação	59
O caminho do ceo	61
Psalmos.	63

POEMAS MINUSCULOS

I. — A visão do tempo.	89
A visão do tempo.	91
II. — No jardim de Margarida	95
Canto primeiro. — Encantamento.	97
Canto segundo. — A canção do	
Rei de Thule	99
Canto terceiro. — Ingenuo extase.	103
Canto quarto. — Nenia.	105
Canto quinto. — A expiação. . . .	111
III. — Revoltas bíblicas.	113
Cain	115
Babel	117
Sodhoma	119
Lazaro.	121
O blasphemo.	123
O castigo de Deus	125

	Pags.
Nocturnos... em dô maior	127
A cathedral morta.	135
A noite	137
Manchas.	139
Os emigrantes.	141
Aquella branca ermida	143
Sisypho	145
Em Lourdes.	147
Aquella velha aldêa	149
Germinal	151
O vulcão extinto.	153
O Pinheiro Manso.	155
Veteris vestigia flammae.	157
Na morte de Maria.	159
Morro... de não morrer	161
Metempsychose	163
Cinzas.	165
Adeus	167
Ultimo canto.	169
Ultimo canto.	171

~~~~~  
TYP. AILLAUD, ALVES & C<sup>ia</sup>.  
~~~~~


EXTRACTO DO CATALOGO
DE
AILLAUD, ALVES & C.^{ia}
PARIS-LISBOA

~~~~~

**Allivio de Tristes**, poesias por ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA. — 1 lindo vol. de 76 pags., em formato oblongo (180×115 m/m), br. . 200 rs.

**Amores perfeitos**, versos, por ALVARO PINHEIRO. — 1 vol. em 12.º, br. . . . . 500 rs.

**Anti-Christo**, por GOMES LEAL, bello vol. em 8.º, oblongo impresso a duas côres, br. 1\$200 rs.  
Enc. . . . . 1\$500 rs.

**Auto do fim do dia**, por ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA, lindo volume em formato pequeno (120×80 m/m), br. . . . . 200 rs.

**Dizeres do Povo**, por ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA, lindo volume, formato pequeno (120×80) br. . . . . 300 rs.

**Dos Alpes** (Flocos e Rimas), por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. — 1 lindo vol. em formato oblongo, br. (140×75 m/m) . . . . . 200 rs.

**Eiradas**, versos, por ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA. — 1 vol. em 8.º, br. . . . . 300 rs.

**Ephemeras**, poesias por ADHERBAL DE CARVALHO. — 1 vol. de 22 pags., em 32 oblongo, br. (140×75 m/m) . . . . . 200 rs.

**Feixe de Violetas**, contos por ALMEIDA BESSA. — 1 vol. em 18.º, illust. e tirado a duas côres (155×110 m/m). . . . . 200 rs.

**Os Luziadas de Luiz de Camões**. Edição illustrada com vinte heliogravuras em pags. separadas por ALFRED BRAMTOT, artista premiado com o primeiro premio de Roma. Nove vinhetas de remate e quarenta desenhos especiaes a cada canto por PAULIN BORD. — Edição em papel velino (320—250 m/m) . . . . . 30\$000 rs.

Edição em papel Hollanda. . . . . 60\$000 rs.  
(320×250 m/m).

Edição em papel Japão. . . . . 80\$000 rs.  
(320×250 m/m).

---

TYP. AILLAUD, ALVES & C.<sup>ias</sup>.

3-6065-7





PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C

39 10 05 02 06 005 9